

**A SIMBOLOGIA DA FÉ AMAZÔNICA EM “O PEIXE”,
DE BENEDICTO MONTEIRO**

**THE SYMBOLISM OF AMAZONIAN FAITH IN “THE FISH” BY
BENEDICTO MONTEIRO**

Geovane Silva Belo
Universidade Federal Rural da Amazônia
Tomé-açu

Diemerson Ribeiro
E.M.E.I.F Antonio Juvencio
Tomé-açu

RESUMO: Em busca de compreender as representações simbólicas no imaginário amazônico e na literatura, o presente trabalho objetiva discutir a simbologia da fé no conto “O peixe”, presente no livro *Carro dos milagres* (1975), do paraense Benedicto Wilfred Monteiro (1924-2008). Para tanto, o estudo de caráter bibliográfico, possui um *corpus analítico* constituído pelo conto, observando como o autor traduz as contradições, as mazelas sociais e a religiosidade na narrativa literária, que revela identidades, conflitos e lutas da vida amazônica, nos modos de ver e (re)criar o mundo. Assim, sob um viés mais pragmático, o trabalho segue o itinerário de análises buscando entender os discursos e os modos de narrar de Benedicto Monteiro e como traduzem, simbolicamente, uma Amazônia marcada, não apenas por suas riquezas naturais, mas também por pobreza, abandono e, além disso, pela fé como força representativa da cultura local.

Palavras-chave: Elementos simbólicos; Benedicto Monteiro; Carro dos Milagres; Literatura da Amazônia.

Abstract:

Abstract: In search of understanding symbolic representations in the Amazonian imagination and literature, this work aims to discuss the symbolism of faith in the short story “The Fish,” present in the book *Car of Miracles* (1975) by the Pará-born Benedicto Wilfred Monteiro (1924-2008). To this end, the bibliographic study has an analytical corpus constituted by the short story, observing how the author translates the contradictions, social ills, and religiosity in the literary narrative, which reveals identities, conflicts, and struggles of Amazonian life, in the ways of seeing and (re)creating the world. Thus, under a more pragmatic bias, the work follows the itinerary of analyses, seeking to understand the discourses and narrative modes of the text and how, symbolically, an Amazon is translated, marked not only by its natural riches but also by poverty, hunger, abandonment, and, moreover, by faith as a representative force of local culture.

Keywords: Symbolic elements; Benedicto Monteiro; Car of Miracles; Amazonian literature.

Introdução

Em 1975, o paraense nascido na cidade de Alenquer, no Baixo Amazonas, Benedicto Wilfred Monteiro, publica o livro “Carro dos milagres”, uma coletânea com narrativas que contém relatos, narrativas, representações que vem das ribeiras e trazem histórias permeadas de elementos memorialísticos, nas quais se materializam lutas, vivências e percepções dos povos da Amazônia.

O livro “Carro dos Milagres” (1975) é constituído por sete contos, formados por relatos com estilísticas diferentes, situados em um contexto amazônico em profusão, em que há dor, solidão, injustiça e a resistência humana. Nesta obra, uma das personagens, Miguel dos Santos Prazeres, arquétipo amazônico, representa diversas narrativas monteirianas. Os contos de Benedicto querem ir além do rio e da paisagem, traz representações bem mais do humano, dos dramas individuais e coletivos. Sua Amazônia é social, porque é de sujeitos que teimam em viver e sobreviver em conexão com este mundo desafiador, por vezes, até inóspito. Os narradores se constroem em movimentos, com uma linguagem marcada pela oralidade, pelos saberes de uma Amazônia fecunda, mas conflitiva e sofrível, ainda assim com um olhar potente e poético.

Ao considerar a força da oralidade, os discursos e também a conexão com a cultura na obra de Monteiro, o presente trabalho objetiva discutir a simbologia da fé no conto “O peixe”; entender como a narrativa reflete os modos de vida e os saberes culturais dos povos das ribeiras, diante das adversidades e das contradições sociais.

Diversos fenômenos estão simbolizados nas narrativas do Monteiro, como o Círio de Nazaré, a vida no campo, as viagens de barco, a pobreza e o isolamento social. Suas obras são carregadas de elementos sugestivos e estão entrelaçados à linguagem-vivência do escritor no universo contraditório da Amazônia.

Para tanto, este estudo busca observar na escrita de Monteiro as relações entre a simbologia da natureza, as marcas da oralidade local (representadas pela fala das personagens), os elementos religiosos e também as imagens que evocam os rios, como núcleo e força regimentadora da vida ribeirinha. Dessa forma, estes elementos da cultura amazônica, constituídos de múltiplas sensorialidades, sentidos e vivências surgem como mola-propulsora do narrar e revelam a construção verbo-visual-sonora do universo amazônico marcado pela pluralidade de símbolos.

Dessa forma, além de promover uma discussão sobre temáticas locais que possuem caráter universalizante, o estudo mostra a literatura da Amazônia, em especial, a literatura

de Benedicto Monteiro, como manifestação simbólica de elementos linguísticos, culturais e sociais das Amazônia humanas.

Além das simbologias da fé que traduzem o sentido da existência dos povos da floresta, o trabalho se volta para os aspectos sociais representados na literatura de Benedicto Monteiro. O autor, com uma linguagem aparentemente simples, não apenas denuncia, mas, sobretudo, revela os modos de vida, as crenças e os saberes culturais de um povo acometido por contradições, mas que transborda de fé e de esperança.

Nesse sentido, a Amazônia se constitui um lugar de múltiplas representações. Os rios e florestas carregam simbologias da vida, mas também da morte, onde a imaginação constrói um mundo atravessado por incertezas. A força da oralidade dos povos da floresta (re) cria uma Amazônia marcada por estereótipos, em que o mítico-religioso é uma das forças geradoras da ideia de cultura. No entanto, é importante ressaltar que, por trás dessa Amazônia mitificada, existe uma Amazônia real.

Nota-se que a história dos povos da região amazônica é constituída a partir de dois pontos conflitantes: no primeiro, a visão exótica, criada pela magia e o encantamento das narrativas mitificadas sobre a região; em segundo, a violência exacerbada em decorrência da exploração da natureza. Isso tudo “produziu historicamente diferentes formas de relação do homem com a vida, o que significa também diferentes formas de produção de imaginários sociais” (Pizarro, 2012, p. 24).

Nesse universo, os sujeitos da região amazônica, em especial, os ribeirinhos, são partes integrantes dessa natureza viva. Nela, eles seguem o ciclo da vida, buscam compreendê-la enquanto mundo e de se compreender enquanto elemento que forma e transforma esse universo. Um espaço que vai além do geográfico para alcançar o imaginário tendo em vista a expressão simbólica que lhe é peculiar. É deste espaço que o sujeito amazônida continua a olhar o rio que “olha o céu e que também nos olha”, como diz Paes Loureiro (2000, p. 194). A literatura de Benedicto Monteiro dialoga bem mais com este imaginário social, onde o rio é a vida e morte, rua e rumo, sustento e aflição.

O percurso de Benedicto Monteiro até *O Carro Dos Milagres*

Em 1º de março de 1924, nascia na cidade de Alenquer, no Estado do Pará, Benedicto Wilfredo Monteiro, o “Seu Bené”, assim carinhosamente chamado por seus amigos. Por meio da leitura de livros de História durante sua formação, Benedicto Monteiro tomou conhecimento da Revolução Francesa (1789), tornando-se simpatizante

das ideias revolucionárias. Nesse mesmo período, conhece o romance *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), do escritor marajoara Dalcídio Jurandir, uma obra que exerceu forte influência na sua vida intelectual. Em *Transtempo* (1993), autobiografia de Benedicto Monteiro, fica evidente o impacto que a obra dalcidiana lhe causou. Benedicto descreve que ao ter lido o romance de Dalcídio, o prazer foi imenso “como se fosse meu primeiro amor e o meu primeiro orgasmo” (Monteiro, 1993, p. 16).

É importante ressaltar que, nesse período, ler a obra de Dalcídio Jurandir não foi uma tarefa tão simples, uma vez que o colégio onde Benedicto estudava censurava a leitura do romance dalcidiano, sob a justificativa de seus escritos carregarem ideias comunistas. A leitura só foi possível por meio de uma autorização dos padres do Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré. Só então, Benedicto Monteiro se debruça sob a obra que lhe influenciará ao longo da sua trajetória enquanto escritor, jornalista, político e, sobretudo, defensor das causas sociais dos menos favorecidos.

Entre 1943 e 1950, Benedicto Monteiro escolheu viver na cidade do Rio de Janeiro, onde concluiu o Científico no Colégio Rabelo. Embora tenha iniciado o curso de Direito na capital carioca, torna-se Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (1952) pela Faculdade de Direito do Pará. Em 1950, ao regressar ao estado do Pará, volta às suas origens, em Alenquer, para tomar conta das propriedades rurais dos seus pais, onde casa oficialmente com sua esposa Wanda Marques, genitora dos seus cinco filhos biológicos e um adotado legalmente, de acordo com as leis em vigor no país.

Em sua cidade natal, Benedicto Monteiro torna-se vereador, pelo Partido Social Progressista (PSP), dando início a sua imersão no universo político. Posteriormente, já em Belém, foi eleito deputado estadual, exercendo por duas legislaturas o seu mandato pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Por conta dos seus ideários reformistas, embora nunca tenha sido filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), Benedicto Monteiro foi tachado de comunista e subversivo e teve seus direitos políticos suspensos por dez anos durante o período de chumbo do Regime Militar (1964).

Após o golpe militar, com medo de ser capturado e morto pelos militares, Benedicto Monteiro foge para sua cidade natal, e chegando ao destino escolhido, percebe que o único local capaz de abrigá-lo com segurança seria as matas de Alenquer. A mais de sessenta quilômetros a pé, abrigou-se nas matas do Quilombo Pacoval, onde tinha muitas amizades.

Sabendo que as patrulhas militares estavam procurando-o para capturá-lo e assassiná-lo, Benedicto não vê outra alternativa a não ser se entregar para o regime. Em

16 de abril de 1964, entregando-se aos militares, é algemado e amarrado, às margens do Rio Curuá, sendo exposto publicamente de forma humilhante com intuito de intimidação para quem ousasse ajudá-lo ou ir contra o regime autoritário instaurado.

Na noite do dia 17 de abril de 1964, Monteiro chega ao Quartel da Aeronáutica, em Belém, onde é torturado e fica preso em condições sub-humanas durante sete meses. Após o fim do período de cassação dos seus direitos políticos, em 1982, Benedicto Monteiro se candidata ao cargo de deputado federal, ficando suplente, ele sustenta a tese de que houve fraude eleitoral e após a renúncia de dois deputados que assumiriam o cargo de prefeito, Benedicto reassume o cargo, tornando-se deputado federal pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) em 1985 e foi reeleito em 1986 pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

Na literatura, Benedicto Monteiro tem sua estreia em 1945, no Rio de Janeiro, com a publicação do livro de poesia intitulado *Bandeira Branca*, pela editora Zélio Valverde. Por toda sua trajetória enquanto político e, sobretudo, de escritor, em especial, pelo livro de contos *O Carro dos Milagres* (1975), em 22 de março de 1984, o romancista alenquerense assume a cadeira número 20 da Academia Paraense de Letras, cujo patrono tinha sido o escritor paraense, Inglês de Sousa, natural de Óbidos e considerado um grande naturalista pertencente ao cânone literário.

A simbologia da fé amazônica em *O peixe*

No conto “O peixe” ecoam muitos dramas humanos, corporificados na voz de um narrador/personagem, que, às vezes, assume a posição de personagem/narrador. Ao longo das descrições, percebe-se uma cosmovisão de fé marcada por signos específicos, irmanados da luta por sobrevivência, da esperança contra a fome, da honra contra a vergonha, de deus contra o diabo, em uma dualidade acerca da fé.

Os elementos simbólicos e memorialísticos se convertem em uma narrativa densa, com tensão crescente. Essa combinação marca uma representação de um tempo distinto, um tempo de rio, de pescador, mas também de dor, de fome, de ânsia. Ao descrever a fé e, sobretudo, a urgência de saciar a fome, Benedicto Monteiro nos mostra um narrador embainhado de fé cristã, aflito, faminto, mas crente de que irá pescar algo para apaziguar a miséria da família.

É este o contexto paradoxal da narrativa, diante da exuberância e força das águas, está a pobreza de seus habitantes nas ribeiras. A temporalidade dos acontecimentos gira

em torno de um dia extremamente difícil na vida do narrador, pai de cinco crianças. Ele busca alimentar sua numerosa família durante o inverno amazônico, um período de escassez nos rios, onde as cheias dificultam a prática da pescaria, mesmo para os pescadores mais experientes.

Sendo um período marcado pelas fortes chuvas amazônicas, o pescador troca as ferramentas de pesca e se aventura nas matas, em busca de fontes de alimentos que sejam capazes de saciar a dolorosa fome de sua família. Com poucas habilidades e uma espingarda desgastada pelo tempo de uso, o pescador tenta se aventurar no exercício da caça, no entanto, sua caçada fora um fracasso.

O conto inicia quando o narrador/personagem, bastante cabisbaixo com o fracasso da empreitada de sua caçada, ao regressar para seu lar se depara com o choro dos filhos, consequência da fome que assolava as crianças. Neste momento, sua esposa lança um olhar de reprovação. Tomado pela angústia e pelo desespero, não vê outra saída, a não ser enfrentar as águas caudalosas do lago que um dia fora um pasto.

A trama se enviesa nesta segunda tentativa de conseguir alimento para a família. Embora o pescador soubesse que essa não seria uma tarefa fácil, estava disposto a qualquer esforço e persistência para alimentar seus filhos. Nesse contexto, os elementos da narração, inclusive a descrição do espaço, falam das mudanças geográficas a partir do regime das águas:

de cima da ribanceira eu vi logo o tamanho do bruto: agora sim era um lago! Mas antes já tinha sido um campo. Campo e pasto. Varja. Varja alta. Varja alta e varja baixa entremeada de poços no verão. O sol tinindo e tremendo. Vasto, vasto. Lama e charco. Campinarana baita! Tijuco e chavascal. Mas pelo meio do verão, passava um igarapé. Agora nem sinal! Agora nem sinal de correnteza indicava o que havia por baixo. As ilhas é que faziam a mata se unir por longe uma linha do horizonte. [...] Agora era água. Tudo água. Água por baixo e por cima de tudo. Lago-rio-campo alagado. Água que se estendia para-nunca mais. (Monteiro, 1995. p. 88)

A narração de “O peixe” aponta para um conflito em que a natureza é antagonista, os impactos insondáveis das cheias no inverno amazônico produzem a tragédia social. Daí, outra luta que o pescador trava é contra o tempo, como símbolo da existência em crise. A simbologia da temporalidade reflete a gravidade do drama vivido pelo personagem: “Onde acharia peixe naquela imensidão? Naquela hora, com aquele sol e agora com aquele vento” (Monteiro, 1995. p. 88). E para dificultar ainda mais a vida do pescador, ele estava sem a sua tarrafa. Esses fatores dificultavam cada vez mais o êxito

na pescaria. Pegar um peixe nesse contexto seria um grande milagre. Em busca desse milagre, o pescador inicia a jornada fazendo uma súplica ao padroeiro da pesca, São Pedro:

Haverá de começar com São Pedro, que era padroeiro da pesca. Não exigia que aparecesse uma desconforme piracema, porque era inverno, e a minha tarrafa tinha ficado esburacada em casa por cima do jirau. Os jaraquis, os aracus, os curimatans, pacus, carás, mapiris e maparás, que desciam em cardumes, deviam de estar nas suas ovas pelos buracos dos matupás. Mas bem que São Pedro dar de lambuja, um tambaqui, uma pirapitinga ou mesmo um bom tucunaré. (Monteiro, 1995. p. 90).

O primeiro a ser evocado como símbolo da religiosidade é São Pedro, no entanto, o protagonista tem a plena convicção que o padroeiro da pesca, sozinho não terá condições para realizar a sua prece. Sendo um pescador experiente, herdeiro dos saberes repassados pelas gerações passadas, sabia, por exemplo, quais peixes que aparecem nos lagos da região amazônica durante o período das cheias. Nessas circunstâncias de inverno amazônico, iria precisar da ajuda, não apenas de um único Santo para pegar um peixe, mas de várias forças divinas. A evocação de São Pedro também está carregada de um saber místico que o associa às águas, às chuvas e também a boa pesca, por ter sido este um discípulo pescador de Jesus Cristo.

Ao contextualizar os efeitos causados pelo inverno amazônico, o narrador/personagem chama atenção para a influência do clima da região amazônica na atividade de pesca, uma das fontes de subsistência dos ribeirinhos, que em tempos de cheias fica comprometida. O inverno amazônico transforma o ambiente e essa transformação reflete os efeitos que o inverno provoca e pode ser notado na fala do personagem: “triste e difícil morar isolado na margem desses lagos, que, de repente, ao sabor do Amazonas, viram campos, praias e igapós. O lago agora era muito maior do que eu pensava” (Monteiro, 1995. p. 90). Nesse devaneio do protagonista, fica a interrogação: será que realmente o lago era maior por causa da enchente das chuvas, ou essa sensação de grandeza exacerbada é provocada pelo sentimento de isolamento social vivido pelos povos da floresta?

Seus devaneios recuperam o fracasso da caçada, intensificando a ideia do tempo do inverno em que a caçada quase sempre é uma empreitada difícil. O pescador voltara sem nada. O olhar da mulher logo adivinha o fracasso: “Bastava ela ver que eu vinha segurando aquela espingarda velha, com nojo” para entender que “o traste tinha falhado mais uma vez: batido catolé” (Monteiro, 1995. p. 87). É nesse estado de desaprovação e

reprovação que o narrador/personagem do conto continua à espera do milagre, ou seja, o almoço das crianças: “- São Pedro bem que podia encaminhar um desses peixes que comiam nos pastos, para a banda da linha esticada por baixo do capim” diz o pescador desolado. Ele bem que olhava as duas varas de pesca esticadas: “se mexessem, era sinal de peixe fígado, panela cheia, brando olhar da mulher, alegria das crianças e sossego e paz para mim até na outra hora de comer. [...] A qualquer momento um peixe podia boiar. Boiar ali mesmo na minha frente seria um grande milagre!” (Monteiro, 1995. p. 90-91).

Em meio às súplicas, as horas vão avançando e nada. Diante do silêncio de São Pedro, o pescador recorre ao santo de sua devoção. Santo Antônio surge como símbolo da identidade ribeirinha, é padroeiro da cidade, um ser encantado da fé cristã que compreende o narrador, porque também padeceu na imensidão das águas, buscou terra firme e sofreu com as cheias à procura de uma capela. A história é um relato comum em mitos amazônicos da cristandade, segundo os quais as imagens se deslocam milagrosamente requisitando abrigo e adoração dos fiéis:

Rezei a Santo Antônio que era padroeiro da nossa cidade. Finalmente, Santo Antônio tinha o dever de proteger num raio de muitos e muitos quilômetros todos os seus fiéis. O povo falava que esse mesmo santo adorado na matriz tinha se deslocado milagrosamente da beira de um lago bem longe como esse, à procura de terra firme de beira de rio. Ele mesmo como Santo sabia o quanto era triste e difícil morar isolado na margem desses lagos, que de repente, ao sabor do Amazonas, viram campos, praias e igapós (Monteiro, 1995. p. 91).

Nota-se que além da figura humana como protagonista no conto, o lago formado pelo inverno amazônico (que no verão secava e se transformava em pasto) assume um papel importante na narrativa, pois suas alterações e mudanças determinam a ação do personagem/narrador, como representações simbólicas dos habitantes da região Amazônica. No seu ambiente natural, onde tudo parece ser encantador e grandioso, surge o incontrollável lago, principalmente na incomensurabilidade das águas trazidas pelo inverno amazônico:

O lago era muito maior do que eu pensava. [...] Remava ainda no meio do capim que beirava o lago: canarana, premembeca, murem, mururé, malícia, sororoca e arroz brabo, que ia espaçando, espaçando até encontrar a fundura das águas onde não aparecia mais capim. [...] Podia até atravessar o lago e esperar embaixo das árvores, no meio do igapó. Mas essa somenos travessia levaria horas. Por via das dúvidas, já tinha



deixado armado o espinhei. Finquei duas varas no meio do pasto; estiquei a linha dentro d'água. Deixei os anzóis pendurados pro-que-desse-e-viesse da parte dos rios. Abarcava com a vista quase todo o imenso lago. [...] O vento quente trazia ainda o triste som do choro das crianças. [...] Peguei novamente o remo e tomei distância no rumo do meio do lago. Um homem no meio de imenso lago, quando sabe que as matas ao longe não formam nem a beira, sente tristeza de olhar para a linha do horizonte. E ainda por cima, com fome, é coisa muito fácil de desesperar. (Monteiro, 1995, p. 89-90)

Desesperado, o protagonista levanta-se mais uma vez na canoa, faz um apelo a Nossa Senhora, mãe de Jesus, ela tinha poderes para ajudá-lo. E, além disso, pelo fato de ela ser mãe entenderia a dor de ver um filho chorando por causa da dolorosa fome. Neste momento, pôs-se de pé na sua pequena canoa, e fez um pedido com clamor, em tom quase desesperador: "Aí me ajoelhei. Não para puxar a linha do arpão, ou para tirar o peixe das malhas da tarrafa; eu me ajoelhei foi pra rezar. E prostrado, já no meio do lago, no fundo da canoa, implorei o santo milagre da pesca" (Monteiro, 1995. p. 91).

No entanto, embora suas preces tenham sido carregadas de fé, ele fora ignorado por duas vezes pelos santos a quem recorreu e, em meio ao seu desespero, sente-se completamente abandonado pelas figuras divinas. Mas se afia novamente a uma esperança, agora ainda mais desesperada:

Não, não queria uma canoa cheia: bastava um tambaqui. Tentei rezar a Salve-Rainha até o "nos mostrai" Quando eu era criança, minha mãe sempre dizia: - "meu filho, reza a Salve Rainha até nos mostrai" que tu encontras a caça nas matas e os peixes nos rios, contanto que seja com muita fé". Mas eu nunca tinha experimentado a fé de minha mãe. Aí, me deu de novo aquela cuíra de fé fervente e eu pedi a Deus que me mandasse um peixe. Um peixe que fosse só ao menos para matar a fome dos pirralhos e aplacar o olhar, o triste e duro olhar de minha mulher. (Monteiro, 1995. p. 91)

O "Salve-Rainha" é uma oração católica de invocação e súplica, em um trecho diz: "A vós, bradamos, degredados filhos de Eva, a vós, suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas". A oração simboliza, sobretudo, o desespero do pescador. Em tom ascendente, o narrador aumenta sua súplica mariana, elevando sua oração a uma condição pedinte, miserável, de "fiel" prostrado em busca de um milagre. Sua condição diante do poder divino reflete um caboclo humilde, que não deseja muito, apenas o necessário para saciar a urgente necessidade, para amenizar a fome angustiante: "Não, não queria uma

canoa cheia: bastava um tambaqui”. Por que um tambaqui? Justamente para facilitar a realização do milagre. Já havia pedido um para São Pedro que “bem podia mandar de lambuja, um tambaqui, uma pirapitinga ou mesmo um bom tucunaré” (Monteiro, 1995. p. 90).

O personagem sabia que o tambaqui era um peixe da estação. Mas, para aumentar ainda mais o seu desespero, nem mesmo se prostrando à espera do milagre, suas súplicas foram atendidas. Depois de uma longa espera o caboclo atinge seu limite de desespero. Ele observa que os fenômenos da natureza céu, vento, sol e a água estavam todos agindo contrariamente ao seu pedido de milagre.

A esperança que antes despontava em direção ao sagrado cristão, aos santos, à Virgem Maria, a Cristo e as orações, agora surge como uma inclinação à tentação de Satanás. Depois de analisar o ambiente e sentir aquela ventania quente e exasperante, o pescador alimenta uma esperança que era fruto do total desalento e desconsolo, apela para o Diabo: “Oh, São Diabo, manda um peixe!”, não só pensou, mas ficou em pé na canoa e gritou: “Oh, São Diabo, manda um peixe!”. “Quase que escapulo um pelo-amor-de-Deus. Sabia que com o tihoso não se brinca. E nem se deve falar baixinho conforme se reza aos santos” (Monteiro, 1995. p. 91). Mal acabou de ouvir o som de suas próprias palavras, sentiu que tudo estava tomando outro rumo.

Eventos sobrenaturais começam a surgir, o sol começa a se esconder na mata e espalhar uma luz branda e quase sem vida. A canoa estava totalmente imóvel e a água, luzente e transparente, assim descritas pelo protagonista: “Sofri a extravagância mais esquisita da minha vida. Fiquei entre o céu e o inferno; entre a crença e a descrença; entre a vida e a morte; entre a minha pessoa e a outra dentro de mim...” (Monteiro, 1995. p. 92). Em meio aos devaneios desesperadores, o personagem identifica as imagens de um espaço amazônico até então desconhecido por ele:

Morando tanto tempo naquelas bandas, jamais tinha reparado nas lindas coisas daquele lago. Embaixo daquele gigante espelho, descobri então, mil coisas, mil folhas, mil plantas: capim-àtoa, cipó de lama, folhas de limo, raízes e raízes, tipos de flor, tudo tudo chamando a gente como mãos e acenando como braços. Era a vida de Deus ou a morte do Diabo? Encarei a água como um homem que enfrenta o abismo: para confirmar o equilíbrio. E vi. Vi, por Deus, que eu vi. Vi surgirem do fundo, bem do fundo, do fundo das águas, do meio daquela claridade cristalina, daquela desconforme confusão de cores, umas bolhas que vinham, que vinham, que vinham e espocavam como flores. As bolhas que vinham, viravam ondas na superfície. Aí que eu estatelei. Olhei de novo: as plantas se moviam. Atrás das bolhas, como que nascendo da própria

água, ou da transformação das cores, surgia um peixe. Um peixe!
(MONTEIRO, 1995. p. 92)

De imediato, o personagem põe-se a imaginar que aquela transformação sobrenatural é resultado de sua infeliz invocação ao demônio, o conflito do personagem se agrava ainda mais. Entre o céu e o inferno, entre a crença e a descrença, entre a vida e a morte, entre o desespero e a espera do milagre, começa o combate entre a mais perfeita obra da criação divina e a tentação de Satã na forma de um peixe, não um peixe qualquer, mas um de cor prateada:

Quem te mandou? Nunca vi tambaqui branco nadando de prancha meio tonteado. [...] Vieste mandado do Céu ou enviado do inferno, sadórico emissário? Tu és cioso ou mal-assombrado? Bem, depois é o fundo da panela: caldo grosso, pirão de puba e pimenta malagueta. Existe a fome das crianças, o olhar duro da mulher e a triste desconfiança. [...] Não, peixe manhoso, desconjuro! Faço pelo sinal da cruz três vezes. E te arrenego a cor, perco até o sabor, que a fome é muito mais forte que a fé nestas paragens. Eu já sentia era o cheiro do peixe na panela, o gosto na boca e a alegria nos olhos das crianças” (Monteiro, 1995. p. 92-93).

Aqui o “sinal da cruz” três vezes remete como símbolo de libertação, de perdão, de proteção. Para o narrador, Satã estava convicto de que seu desespero o faria cair em tentação, mas só não contava com a fé e a determinação recoberta. Nesse momento, o “coisa ruim” estava prestes a ser derrotado pela grande força das orações do caboclo. A verdadeira identidade de Satã, no contexto da narrativa, estava por um fio. É a própria voz do pescador que conta como a sua fé superou até mesmo a “fome das crianças” e como venceu a tentação de Satanás:

Eu então maldei [...]. Quem te mandou. Nunca vi tambaqui nadando de prancha meio tonteado. Que me conste, não deve ser peixe destas bandas nem vivente terrestre destas paragens. Vieste mandado do Céu ou enviado do Inferno, sadórico emissário? Espera aí, que acabo já com a tua franca pavulage. Arrumei o arpão e marquei bem no meio do lombo. Era bem no meio da cabeça e no fio do espinhaço. Ia arpoar: tiro-e-queda no bico de aço. Mas... Uma força de dentro ou de fora de repente relaxou todos os meus músculos e desfez num átimo o mais simples gesto. Aí meu pensamento foi rasgado pelo meio. Parei como a ave que morre voando bem alto. Olhei para o céu e gritei para o fundo, bem para o fundo do lago: - Vai-te, vai-te pro Inferno peixe do Diabo” (Monteiro, 1995. p. 92-93).

Nesse contexto de luta entre o “Bem” e o “Mal” é recobrada a fé como força

representativa da cultura ribeirinha. Em meio ao sofrimento causado pela fome, no limite da consciência e da sanidade, o narrador retrocede do apelo satânico e “desconjura” o “peixe do diabo”. A recorrência ao “Satanás” remonta a concepção antagônica de que esta encantaria representa o pecado, a tentação, a morte do espírito. Embora as súplicas às divindades do catolicismo não tenham aplacado a fome da família, o pescador não podia ceder a tentação do “diabo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No livro “O carro dos milagre” os elementos simbólicos da cultura amazônica se manifestam por meio da linguagem, das crenças populares, da religiosidade, da fé e das representações simbólicas da natureza amazônica reproduzidas nas vozes de narradores amazônicos. Ao converter elementos memorialísticos em narrativas ficcionais, Benedicto Monteiro revela sua íntima relação com os povos da floresta, fruto de sua formação sociocultural e apreensão da memória coletiva. No conjunto da obra, Benedicto traz referências simbólicas a vários estados de fé, em especial, a recorrência predominante a Nossa Senhora de Nazaré, considerada pelos católicos a padroeira dos paraenses. Por outro lado, sua literatura se volta bem mais para a discussão sobre o contraste social, vivenciado pelos sujeitos da Amazônia.

Com isso, Benedicto Monteiro leva o leitor a conhecer não só o imaginário das encantarias místicas do rio, mas ao imaginário social amazônico do Baixo Amazonas, no qual as implicações mais proeminentes são as da luta pela sobrevivência, em uma contínua adequação e resistência ao regime das cheias e secas. Amarílis Tupiassú diz que existe uma Amazônia não mítica, povoada por brasileiros muito pobres e que guarda na cultura, na fisionomia e na intimidade os elementos da floresta (2005. p. 299). Na literatura de Benedicto Monteiro desponta o drama dos sujeitos nesta Amazônia real, do contraste social, mas, ao mesmo tempo, simbólica, sugestiva, atravessada por diversas manifestações religiosas, principalmente cristãs e da mitologia amazônica. A obra Monteiriana traz justamente esta confluência, da esperança que emerge em meio às contradições sociais. Fala do descaso, do abandono, mas, sobretudo, da fé e do espírito místico como fontes imanentes da cultura.

Referências

- BECKER, Bertha K. **Amazônia**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobal. 14ª ed. São Paulo: Cultrix / Pensamento, 2000.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 16ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. Lisboa: Edições 70, 1963.
- FARES, Josebel Akel. Poéticas orais constroem a história da Amazônia. In: FARES, Josebel Akel (org.). **Diversidade cultural: tema e enfoques**. Belém: Unama, 2006, (Coleção Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais, v. 2), p. 158-159.
- LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém, Cejup, 1995.
- NASCIMENTO, Maria de Fatima do. **A representação alegórica da ditadura militar em O minossau, de Benedicto Monteiro: fragmentação e montagem**. 2004. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2004. [Orientadora Professora Suzi Frankl Sperber]
- MONTEIRO, Benedicto. **O carro dos milagres**. 5. ed. Rio de Janeiro: PLG- - Comunicação, 1980.
- MONTEIRO, Benedicto. **Transtempo**. Belém: CEJUP, 1993, p. 16.
- PIZARRO, Ana. **Amazônia, as vozes do rio: imaginário e modernização**. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2012.
- TUPIASSÚ, Amaríllis. **Amazônia, das travessias lusitanas até agora**. Estudos avançados, Belém, 2005, p. 299.

Sobre os autores

Geovane Silva Belo

Doutor em Educação pela UFPA/PPGED na linha Educação, Cultura e Sociedade. Mestre em Artes pela UFPA/PPGARTES, especialista em Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa e Literaturas pela mesma instituição. Graduado em Letras (UEPA). Docente na Universidade Federal Rural da Amazônia em Tomé-açu, onde coordena o Projeto de Extensão Encantarias da Palavra e é vice-líder do Grupo de Estudos em Literatura, Cultura e Sociedade (GELICS). Suas experiências acadêmicas se voltam para Discursos sobre Educação, Escritoras e Escritores da Literatura da Amazônia Paraense, Letramento Literário Amazônico e inclusão. Desenvolveu estudos sobre Ideias de Educação, História intelectual, Literatura, Cinema, Cultura e Sociedade e

Cultura Surda. Recebeu diversos Prêmios Literários, entre eles, o Prêmio Dalcídio Jurandir da Fundação Cultural do Pará (2012), Preamar de Cultura e Arte (2022) e Prêmio de Ficção e Não Ficção da FCPA. Pertence à Academia Castanhalense de Letras. É autor de "Pequenas Divagações no Tempo" (2014), "A Semântica da Tristeza" (2019), "Estandalhaço" (2021) e "Para meu pai, o Boto" (2024).

CV: <http://lattes.cnpq.br/5408979200502757>

Diemerson da Silva Ribeiro

Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa (UFRA/ Tomé-Açu) e Pós-graduando em Linguagem, Cultura e Formação Docente por esta mesma universidade. Pesquisa a trajetória intelectual e o pensamento de intelectuais da Amazônia Paraense e a relação entre Literatura da Amazônia e Cultura Amazônica, narrativas orais, discursividades e identidades. Ainda na graduação, foi membro do projeto de extensão Tecituras - Diálogo entre música, literatura, cultura e sociedade. Integra o Grupo de Estudos em Literatura, Cultura e Sociedade (GELICS). Atuou como bolsista Capes no programa residente pedagógico em Tomé-Açu, nas escolas Antonio Brasil e Desembargador. Na graduação, experienciou a prática docente na educação básica. Com experiências nas escolas urbanas, principalmente em áreas periféricas, compõe o grupo de professores que atuam na Educação do Campo no município de Tomé-Açu.

CV: <http://lattes.cnpq.br/6222905060433442>

Texto submetido em: 01/06/2024

Aceito em: 20/06/2024